

UMA HISTÓRIA DE CONSTRUÇÃO DESTRUTIVA: AS ORIGENS REVOLUCIONÁRIAS DO CAMPESINATO HAITIANO

 *Isabela Rodrigues de Souza*^{1,2}

Resenha de: GONZALEZ, Johnhenry. *The War on Sugar: forced labor, commodity production and the origins of the Haitian peasantry, 1791-1843*. Tese (Doutorado em Historia). The Faculty of the Division of the Social Sciences, University of Chicago, Chicago, 2012.

Pesquisas sobre a Revolução Haitiana se desenvolveram em ritmo surpreendente na academia nas últimas décadas, diversificando a discussão com variadas perspectivas de análise que muito contribuíram para o amadurecimento deste campo de estudo. Interpretações políticas, econômicas e sociais da antiga colônia de Saint-Domingue se somaram à avaliação dos impactos da revolução escrava em diversos espaços do mundo atlântico. É dentro deste movimento de renovação que se insere a obra de Johnhenry Gonzalez, *Maroon Nation: A History of Revolutionary Haiti*, adaptação de sua tese de doutorado³.

1 Universidade de São Paulo. São Paulo – São Paulo – Brasil.

2 Mestranda do Programa de História Social da Universidade de São Paulo com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. É membro do Laboratório de Estudos sobre o Brasil e o Sistema Mundial. E-mail: isabela.rodrigues.souza@usp.br.

3 GONZALEZ, Johnhenry. *The War on Sugar: forced labor, commodity production and the origins of the Haitian peasantry, 1791-1843*. Tese (Doutorado em História). The Faculty of the Division of the Social Sciences, University of Chicago, Chicago, 2012.

Publicado em 2019 pela editora da Universidade de Yale, o livro se propõe, antes de tudo, como uma introdução à história inicial do Haiti no século XIX. Preocupado em compreender as persistentes crises de subdesenvolvimento e dependência que atingem este país há décadas, Gonzalez volta à era revolucionária para analisar a emergência do campesinato haitiano, cerne da organização econômica e social do Haiti contemporâneo. Recorrendo a relatos de viajantes, relatórios de países estrangeiros, documentos militares, judiciais e políticos encontrados no Haiti, nos Estados Unidos, na Inglaterra e na França, o autor concebe dois caminhos de análise relacionados e centrais para a originalidade da obra: a interpretação alargada da Revolução Haitiana e a tese da nação *maroon*.

Acerca do primeiro ponto, Gonzalez sinaliza uma lacuna de estudos sobre a formação do Haiti nos anos subsequentes ao processo revolucionário, em contraposição aos trabalhos existentes sobre os variados impactos da revolução em diversos espaços do mundo atlântico⁴. A luta dos ex-escravizados contra o sistema de *plantations*, que esteve no centro do processo revolucionário em Saint-Domingue, não acabou depois da abolição da escravidão (1793), nem após a independência do Haiti (1804). Em seu entendimento, a Revolução Haitiana, além de contemplar o fim da escravidão e das amarras do colonialismo – temáticas bastante debatidas pela historiografia –, foi também a origem do campesinato haitiano. Gonzalez defende a continuação do movimento revolucionário, isto é, da oposição firme dos trabalhadores rurais (antes escravizados, depois livres) contra a grande economia de exportação, até as primeiras décadas do século XIX. Outras palavras, a Revolução Haitiana e o início do Haiti independente possuem um campo de ação encadeado que não pode ser contempla-

4 DUN, James Alexander. *Dangerous Neighbors: Making the Haitian Revolution in Early America*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2016. FERRER, Ada. *Freedom's Mirror: Cuba and Haiti in the Age of Revolution*. New York: Cambridge University Press, 2014. GEGGUS, David. (Ed.). *The impact of the Haitian Revolution in the Atlantic World*. Columbia: University of South Carolina Press, 2001. NESSLER, Graham T. *An Islandwide Struggle for Freedom: Revolution, Emancipation and Reenslavement in Hispaniola, 1789-1809*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2016.

do separadamente. Diante disso, Gonzalez alega que um olhar estrito aos anos do conflito (de 1791 a 1804), tal como adotado pela maioria dos historiadores, não explica nem o processo de formação do país em sua totalidade, nem responde uma das grandes problemáticas do campo: *por que o Haiti é marcado, no século XXI, por tantas complexidades e sucessivas crises?*

Não obstante a renovação do olhar sobre a Revolução Haitiana, Gonzalez é mais tradicional no tratamento metodológico empregado na obra, circunscrevendo sua análise à fronteira nacional, na contra-mão das tendências historiográficas atuais mais sensíveis às visões integradas e globais. É na observação exclusiva dos eventos locais que se compreende a segunda perspectiva de análise: a idealização do Haiti enquanto uma nação *maroon*. O autor emprega a *marronage* – fenômeno da constituição de comunidades de escravos fugidos em espaços marginais às zonas de plantações escravistas presente em toda a América – a princípio como uma metáfora para as comunidades rurais que surgiram no Haiti no século XIX.

Apesar de pouco mencionar ao longo do livro, a tese da nação *maroon* está em interlocução direta com os trabalhos do antropólogo Sidney Mintz que procuram compreender as diversas origens do campesinato caribenho⁵. A genealogia da sociedade haitiana do Oitocentos é atribuída por Gonzalez à categoria do “campesinato fugitivo” (*runaway peasantry*), definida por Mintz como os camponeses advindos de comunidades *maroons* que desafiavam o sistema de *plantations*.⁶ Na argumentação do historiador, a massa de revolucionários, e posteriormente cidadãos haitianos, desenvolveram um tipo de sociedade adversa ao latifúndio monocultor que em diversos aspectos se assemelhou aos enclaves *maroons*. Fugitivos das grandes propriedades que os governantes tentavam recuperar, os trabalhadores rurais haitianos se estabeleciam nas montanhas, criavam suas próprias

5 MINTZ, Sidney. *Caribbean Transformations*. New York: Columbia University Press, 1989.

6 Mintz, por sua vez, atribuiu a origem dos camponeses haitianos às roças de subsistência cultivadas sob a escravidão, o “proto-campesinato”.

instituições (descentralizadas e clandestinas) e evitavam o comércio formal e a taxaço do Estado por meio da produço para subsistêcia e do contrabando. Por conseguinte, eles foram vitoriosos na construço de um país em seus próprios termos, que substituiu as *plantations* açucareiras por assentamentos autônomos em todo território, a despeito das tentativas dos líderes revolucionários e governantes haitianos em manter a economia de exportação. Se a Revoluço Haitiana não elucida sozinha o processo de emergência do campesinato, ela é responsável, dentro dessa narrativa, por transformar os escravizados de Saint-Domingue em *maroons*.

Os dois caminhos de análise que mencionamos foram compostos ao longo de seis capítulos, perpassando discussões de economia política, reforma agrária e estudos do campesinato. O primeiro capítulo do livro é dedicado à apresentação da “tese da naço *maroon*”, tal como exposto acima, e é o alicerce para os demais que se seguem. O segundo capítulo se centra nos treze anos revolucionários, de 1791 a 1804, com o objetivo de observar a gênese da população *maroon* em Saint-Domingue. O autor discute a destruição das *plantations* de açúcar pelos insurgentes à luz da supressão das condições materiais de sua opressão durante a escravidão. É nesse momento que a produço de víveres é favorecida em desfavor das commodities de exportação, seja nas antigas unidades de produço, quando lá permaneciam os ex-cativos, seja em novos terrenos ocupados nas montanhas. Os conflitos contra o sistema de *plantations* permaneceram após a aboliço e se ligam às guerras civis das primeiras décadas do século XIX.

O capítulo 3 discorre sobre tentativas dos governos pós-emanipação de reerguer as economias de exportação por meio do confinamento dos ex-escravizados nas propriedades sequestradas pelo Estado. O sistema agrícola propagado por Toussaint Louverture, Jean-Jacques Dessalines e Henry Christophe, embora se promovesse em oposiço à escravidão, foi tomado pelos contemporâneos como similar à servidão. Conforme Gonzalez, a elite militar revolucionária, arrendatária das principais *plantations* açucareiras, ambicionava ser a elite senhorial reconstituída. No entanto, a resistêcia a esse sistema de trabalho, a reduço drástica da população após a revoluço e

a necessidade constante de recrutamento de homens para reprimir insurreições afligiram aqueles que procuravam reerguer tal sistema de produção.

No quarto capítulo, Gonzalez expõe os impactos das guerras e insurreições incessantes, de 1791 a década de 1820, no desenvolvimento social e econômico do Haiti, isto é, na formação das comunidades camponesas *maroons*. No ápice da instabilidade política no país, quando o território se encontrava dividido em quatro poderes distintos, a população haitiana fortaleceu sua autoridade local por meio da ampliação dos assentamentos ilegais, da produção para subsistência e da criação de sistemas de micro-comércio. O processo de alargamento do fenômeno da *marronage* foi visto com temor pelas elites haitianas, que buscavam reprimir as redes de poder locais sobretudo pela perseguição de figuras religiosas e de sociedades secretas.

O quinto capítulo é voltado para o exame da transformação do padrão de posse fundiário no Haiti, em que a terra deixou de ser vista como uma commodity para ser considerada um direito dos cidadãos. O historiador aponta para o desmantelamento dos latifúndios em pequenas fazendas mediante a compra de parcelas de terra, a doação estatal de terrenos em troca de serviços militares e, é claro, a ocupação ilegal sem título de posse. Gonzalez argumenta que a “descomodificação” da terra ofereceu, acima de tudo, uma alternativa viável ao trabalho nas *plantations*; as pequenas unidades produtivas representavam tanto a subsistência material dessa população, como um status social de afirmação da liberdade. Diante da inviabilidade do trabalho nas grandes propriedades, a elite econômica se concentrou nas cidades portuárias para controlar o comércio de exportação. Este foi o golpe final para o sistema de *plantations* no Haiti.

Por fim, o capítulo 6 se debruça sobre a economia rural do Haiti pós-emancipação. Gonzalez expõe as principais produções agrícolas, analisando cultivos de subsistência e artigos de exportação, como o café e a madeira, e o modo pelo qual eles se adequam ao estilo de vida camponês. O autor finaliza expondo como a organização econômica desenvolvida nesse período impulsionou a autonomia interna – explorando a formação de mercados internos paralelos e sistemas

financeiros próprios –, e que por consequência orientou-se menos para o mercado global capitalista, malgrado não se desvencilhar completamente dele.

Em resumo, Gonzalez entende as crises de subdesenvolvimento do Haiti contemporâneo à luz da emergência dos sistemas econômicos e dos conflitos sociais rurais decorrentes do processo de formação do campesinato *maroon*. O autor não deixa de apontar para outros caminhos de pesquisa que podem contribuir para essa problemática geral. Ele indica a necessidade de estudos regionais mais aprofundados no contexto do século XIX, mediante metodologia interdisciplinar envolvendo história e antropologia, e investigações arqueológicas no território haitiano, que foram pouco feitas até o momento. Propostas estas, aliás, que compõem a atual agenda de pesquisa do historiador.

As propostas audazes de Gonzalez em *Maroon Nation*, mesmo assim, não deixam de vir acompanhadas de certos problemas. A começar pelo tratamento da *marronage*, que é central para sua argumentação. O historiador não explica claramente a concepção de *marronage* na obra, ora a definindo como uma metáfora (página 11), ora como um fenômeno histórico empírico e, mais disfarçadamente, como um conceito. Malgrado a inspiração em Mintz, faltou a Gonzalez uma apropriação firme das categorias de análise do antropólogo, que poderiam ajudá-lo a formular com mais segurança essas distintas formas de uso. Ademais, Gonzalez pouco utilizou outros estudiosos do campesinato no Haiti, com destaque para Carolyn Fick⁷, cujos trabalhos dariam mais força a linha argumentativa de *Maroon Nation*.

Outra questão do livro é a unidade de análise limitada às fronteiras nacionais, sob a justificativa de falta de estudos sobre o período inicial da história do Haiti independente. A compreensão da formação do país na primeira metade do século XIX não é antagonica

7 FICK, Carolyn. Emancipation in Haiti: From plantation labour to peasant proprietorship. *Slavery & Abolition: A Journal of Slave and Post-Slave Studies*, Vol. 21, No. 2, 2000, pp. 11-40, doi: <https://doi.org/10.1080/01440390008575304>. FICK, Carolyn. *The Making of Haiti: The Saint Domingue Revolution from Below*. 2 ed. Knoxville: The University of Tennessee Press, 2004.

a interpretações que escapem do olhar exclusivamente local. É interessante notar que o estabelecimento do campesinato haitiano, tal como exposto por Gonzalez, não implicou a saída do Haiti das redes de comércio capitalistas. Talvez o foco excessivo sobre a economia do açúcar, que de fato foi substituída por outras mais afeitas ao modo de vida camponês, tenha afastado a atenção de Gonzalez da produção do café e, principalmente, da exportação do artigo nesse ínterim. O café, cultivado em grandes e pequenas unidades, com equipamentos específicos ou em combinação com outros gêneros agrícolas, se tornou a principal mercadoria de exportação da ilha já durante a Revolução Haitiana. A produção do artigo nos pequenos lotes criados pelos cidadãos haitianos garantiu remessas consideráveis dos grãos para os Estados Unidos nas primeiras décadas do Oitocentos⁸; o próprio Gonzalez evidencia que na década de 1820 as exportações para a França chegaram a 2/3 dos valores de 1791, quando Saint-Domingue era responsável por quase 60% da oferta mundial de café. Ao mesmo tempo que a população haitiana foi bem-sucedida no desmantelamento das *plantations* açucareiras – como o historiador reforça ao longo da obra – eles continuaram fazendo do Haiti o principal produtor de café do Caribe nesse período.

Ainda assim, é inegável que o livro de Gonzalez traz inovações importantes para o campo da Revolução Haitiana e mormente para os estudos do Haiti independente, entrando na lista de livros relevantes para qualquer um que queira entender mais sobre a complexa

8 MCDONALD, Michelle Craig. The Chance of the Moment: Coffee and the New West Indies Commodities Trade. *The William and Mary Quarterly*. Third Series, Vol. 62, No. 3, The Atlantic Economy in an Era of Revolutions, Jul. 2005, p. 441-472, doi: <https://doi.org/10.2307/3491531>. GAF-FIELD, Julia. *Haitian Connections in the Atlantic World: Recognition after Revolution*. Chapel Hill: North Carolina Press, 2015.

formação desse país. Como ele mesmo diz, uma rica história de construção destrutiva.

Referências

- DUN, James Alexander. *Dangerous Neighbors: Making the Haitian Revolution in Early America*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2016.
- FICK, Carolyn. Emancipation in Haiti: From plantation labour to peasant proprietorship. *Slavery & Abolition: A Journal of Slave and Post-Slave Studies*, Vol. 21, No. 2, 2000, pp. 11-40, doi: <https://doi.org/10.1080/01440390008575304>
- FICK, Carolyn. *The Making of Haiti: The Saint Domingue Revolution from Below*. 2 ed. Knoxville: The University of Tennessee Press, 2004.
- FERRER, Ada. *Freedom's Mirror: Cuba and Haiti in the Age of Revolution*. New York: Cambridge University Press, 2014.
- GAFFIELD, Julia. *Haitian Connections in the Atlantic World: Recognition after Revolution*. Chapel Hill: North Carolina Press, 2015.
- GEGGUS, David. (Ed.). *The impact of the Haitian Revolution in the Atlantic World*. Columbia: University of South Carolina Press, 2001.
- GONZALEZ, Johnhanry. *The War on Sugar: forced labor, commodity production and the origins of the Haitian peasantry, 1791-1843*. Tese (Doutorado em Historia). The Faculty of the Division of the Social Sciences, University of Chicago, Chicago, 2012.
- GONZALEZ, Johnhenry. *Maroon Nation: A History of Revolutionary Haiti*. New Haven: Yale University Press, 2019.
- MCDONALD, Michelle Craig. The Chance of the Moment: Coffee and the New West Indies Commodities Trade. *The William and Mary Quarterly. Third Series*, Vol. 62, No. 3, *The Atlantic Economy in an Era of Revolutions*, Jul. 2005, p. 441-472, doi: <https://doi.org/10.2307/3491531>
- MINTZ, Sidney. *Caribbean Transformations*. New York: Columbia University Press, 1989.
- NESSLER, Graham T. *An Islandwide Struggle for Freedom: Revolution,*

Emancipation and Reenslavement in Hispaniola, 1789-1809. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2016.

Recebido em: 22/05/2021 – **Aprovado em:** 22/06/2021